

sobre certos aspectos das doutrinas de Swedenborg, que são compatíveis (embora alcancem mais além) com sua própria explicação do eu 'empírico' e do 'noumenal'*, na *Crítica da Razão Pura* e na *Crítica da Razão Prática* (1788). Sua opinião privada talvez tenha sido a de que alguma coisa parecida com esta parte da doutrina de Swedenborg pode, muito bem, ser verdadeira ou, pelo menos, pode ser a mais rente aproximação da verdade que é concebível por nós, aqui e agora, e que pode ser expressa em nossa linguagem. Todavia, em suas contribuições profissionais à filosofia — publicadas — ele não estava preparado para comprometer-se, mesmo por implicações, com qualquer coisa além daquilo que pensava ser possível, em princípio, comprovar.

Kant, com certeza, não terá sido o único a alimentar, em particular, pensamentos audaciosos sobre a alma humana e a vida depois da morte, embora demonstrando, publicamente, ceticismo e menosprezo. Um estudioso, ambicioso e cheio de prestígio, por certo não colocará sua reputação em jogo fazendo exposições públicas de audácia. Conforme veremos, outros, tais como Freud e Jung, sentiram-se constrangidos a agir com idêntica cautela. Somente os escritores, sem nada a perder além das suas coroas de louros, puderam, sem perigo, transformar as idéias de Swedenborg em novelas balzaquianas, poemas yeatsianos, epigramas maeterlinckianos e peças de teatro strindberguianas. Suas demonstrações públicas de compromisso poético teriam enchido Kant de desdém ou inveja.

Se é possível dizer que filósofos têm sucessores, o seguidor de Kant foi Arthur Schopenhauer (1788-1860), que olhou para trás, para o cômodo desdém que o século XVIII demonstrava pelos vedores de espíritos, com a acanhada tolerância do século XIX. Em contraste com Kant, ele procurou estudar os fenômenos psíquicos em primeira mão e expressou seu interesse por eles, publicamente e com uma boa dose de entusiasmo.

Um exemplo do interesse direto de Schopenhauer foi o sonho premonitório de uma criada. Uma manhã, ele estava sentado à sua escrivaninha, redigindo uma carta de negócios, em inglês. Era uma carta importante e ele estava empenhado em colocar, nela, tudo o que queria e com muita exatidão.

* *Kantismo*: Noumenal — algo incognoscível, cuja existência é teoricamente problemática; em especial, Deus e a alma. (N.T.)

Quando chegou ao fim da terceira página, estendeu a mão para pegar sua areia finamente pulverizada, para secar a tinta; mas, em vez disso, apanhou o tinteiro e derramou-o sobre a folha. Furioso consigo mesmo, tocou a campainha e chamou a criada. Com um balde d'água ao lado, ela começou a limpar o chão. Enquanto o filósofo olhava o serviço de limpeza, a criada disse: "A noite passada eu sonhei que estava tirando manchas de tinta deste soalho." Schopenhauer foi brusco: "Isso não é verdade." Mas, ela o contradisse: "É verdade. Depois que acordei, contei meu sonho para a criada com quem compartilho o meu quarto."

A segunda serviçal, uma moça de dezessete anos de idade, entrou no estúdio de Schopenhauer enquanto a primeira ainda estava limpando o chão. O filósofo interpelou-a, imediatamente: "O que é que essa aí andou sonhando a noite passada?" Resposta: "Eu não sei." Schopenhauer: "Certamente! Ela contou a você, depois que acordou." A jovem criada: "Oh, sim. Ela sonhou que estaria limpando manchas de tinta deste soalho."

Schopenhauer era um observador requintado e um analista de fenômenos psíquicos. No mesmo instante, agarrou-se ao difícil problema de distinguir se o sonho da criada fora telepático (pondo-se em sintonia, por assim dizer, com sua intenção de escrever) ou precognitivo (antecipando, de fato, o acontecimento). Ele negou que a criada pudesse ter lido sua mente, enquanto ela dormia; e escreveu em seu ensaio *Attempt Concerning Ghost-Seeing and Related Matters* [Experiência Concernente à Visão de Fantasmas e Assuntos Afins] que havia derramado a tinta "totalmente contra as minhas intenções e inteiramente dependente de um pequeno erro de minha mão".

Schopenhauer enfatizou o conceito de que "tudo o que acontece, ocorre por necessidade", um tema que dominou muitas de suas teorias sobre ética. Ele sustentou que os sonhos proféticos acontecem porque a capacidade clarividente é aumentada durante o sono, mas é raramente lembrada, assim como a maioria dos aspectos dos sonhos. Observou que muitos sonhos são apenas alegorias, que não revelam seu significado oculto até que um acontecimento profetizado tenha de fato ocorrido. Certas vezes, porém, a "sombria antecipação", submersa em um sonho esquecido, eleva-se para a superfície quando